

TRANSFORMAÇÃO SOCIAL
E SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL07 a 10 de Dezembro 2009
Centro de Convenções do Ceará
Fortaleza

Trabalho 288 - 1/3

PERFIL DE INDICADORES DE RISCO DE CLIENTES
SOBREVIVENTES AO ACIDENTE VASCULAR ENCEFÁLICO¹MOREIRA, Rafaella Pessoa¹ARAÚJO, Thelma Leite de²CAVALCANTE, Tahissa Frota³LOPES, Marcos Venícios de Oliveira⁴CHAVES, Daniel Bruno Resende⁵MORAIS, Huana Carolina Cândido⁶

RESUMO

INTRODUÇÃO: As taxas de incidência do acidente vascular encefálico (AVE) variam muito de uma população para outra, motivo para que se investiguem as causas em todo mundo. Muita dessa heterogeneidade de incidência de AVE pode dever-se a diferenças de prevalência de indicadores de risco entre as populações. Em decorrência de sua magnitude, a detecção e o controle dos indicadores de risco para o acidente vascular encefálico são tarefas prioritárias, pois permitem a redução significativa da incidência e recidiva do AVE por intermédio de mudanças de hábitos de vida (PIRES; GAGLIARDI; GORZONI, 2004). O plano assistencial de enfermagem deve incluir a educação do cliente com vistas à prevenção de sua ocorrência e promoção da saúde e reabilitação após a doença instalada (CARVALHO; PINTO, 2007. Para tal, o conhecimento dos indicadores de risco auxilia na construção de estratégias mais eficazes de intervenção junto a uma população específica. **OBJETIVO:** Identificar a prevalência dos indicadores de risco em clientes que sobreviveram ao acidente vascular encefálico.

¹Trabalho extraído da dissertação de mestrado intitulada Acidente vascular encefálico- análise dos diagnósticos de enfermagem da classe atividade/exercício, desenvolvida no Projeto Integrado Cuidado em Saúde Cardiovascular- CNPq, nº306149/2006-0.

²Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Doutoranda em Enfermagem da Universidade Federal do Ceará. rafaellapessoa@hotmail.com.

³Doutora em Enfermagem. Docente do curso de Graduação e Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Ceará. Pesquisadora CNPq. Brasil.

⁴Enfermeira. Doutoranda em Enfermagem da Universidade Federal do Ceará. Docente do curso de graduação em Enfermagem da Faculdade Católica Rainha do Sertão. Brasil.

⁵Doutor em Enfermagem. Docente do curso de Graduação e Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Ceará. Pesquisador CNPq. Brasil.

⁶Enfermeiro Assistencial do Hospital de Messejana Dr. Carlos Alberto Studart Gomes. Brasil.

⁷Acadêmica de enfermagem. Bolsista CNPq.

TRANSFORMAÇÃO SOCIAL
E SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL07 a 10 de Dezembro 2009
Centro de Convenções do Ceará
Fortaleza

Iracema Gardã

**Trabalho 288 - 2/3**

METODOLOGIA: Estudo observacional de natureza transversal, realizado com 121 clientes em oito unidades da Associação Beneficente Cearense de Reabilitação (ABCR) na cidade de Fortaleza-Ce que assistem às pessoas que são portadoras de seqüelas provenientes do acidente vascular encefálico. A coleta de dados ocorreu no período de novembro de 2007 a março de 2008 na sua totalidade com a fonte de tipo primário, por meio de entrevista. Os dados foram compilados no software Excel, em forma de planilhas, enquanto a análise estatística foi feita no programa EpiInfo versão 3.2. **RESULTADOS:** Entre os 121 clientes que sobreviveram ao acidente vascular encefálico a maioria era do sexo masculino (52,9%). A média de idade foi de 61,6 anos ($\pm 12,4$). As variáveis escolaridade e renda familiar evidenciaram distribuição assimétrica (valor $p < 0,05$). Portanto, metade da amostra do estudo freqüentou a escola por até cinco anos e possuía renda *per capita* de até duzentos e sete reais. Os clientes apresentaram em média 1,4 ($\pm 1,0$) episódios de AVE. Em relação às situações clínicas favoráveis ao maior risco para o desenvolvimento do acidente vascular encefálico, a hipertensão arterial foi a doença mais freqüente entre os clientes (85,1%). Outras morbidades como diabetes mellitus e cardiopatias estiveram presentes em 23,1% dos participantes. Quanto às dislipidemias, que se caracterizam pela presença da hipercolesterolemia e da hipertrigliceridemia, foram referidas por 29,8% dos clientes. Com referência aos hábitos de vida mantidos pelos portadores de acidente vascular encefálico que constituem indicadores de risco para o desenvolvimento de um novo episódio de acidente vascular encefálico e outras doenças cerebrovasculares e cardiovasculares, o sobrepeso e a obesidade (60,9%) foram os mais constantes, seguidos de sedentarismo (58,7%), tabagismo passivo (19,3%), tabagismo ativo (15%), bebida alcoólica (14%) e uso de anticoncepcionais (7,6%). Determinadas práticas como tabagismo e uso de bebida alcoólica, apesar de não serem hábitos atuais na maioria dos clientes, são indicadores de risco presentes em fases anteriores da vida dos participantes, pois 38,3% foram fumantes e 35,5% foram alcoólatras. **CONCLUSÃO:** Os clientes que sobreviveram ao AVE, além das incapacidades geradas, na grande maioria, são idosos já sob processos de perdas próprias do envelhecimento e possuem indicadores de risco associados. Assim, o enfermeiro deve estar atento para promover atividades que estimulem um estilo de vida mais saudável e previnam

TRANSFORMAÇÃO SOCIAL
E SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL07 a 10 de Dezembro 2009
Centro de Convenções do Ceará
Fortaleza**Trabalho 288 - 3/3**

complicações, diminuindo além do risco de ocorrência de novos AVE, a mortalidade decorrente dessa doença. BIBLIOGRAFIA: PIRES, S.L.; GAGLIARDI, R. J.; GORZONI, M. L. Estudo das freqüências dos principais fatores de risco para acidente vascular cerebral isquêmico em idosos. **Arq Neuropsiquiatr**, v. 62, n. 3, p.844- 51, 2004.; CARVALHO, F. R.; PINTO, M. H. A pessoa hipertensa vítima de acidente vascular encefálico. **Rev. Enferm. UERJ**, v. 15, n. 3, p.349-355, 2007.

Palavras-chave: Enfermagem; Acidente Cerebral Vascular; Fatores de risco